

Acordo com Argentina não seria suficiente para evitar recessão

por Nilo Sérgio Gomes
do Rio

Os acordos entre o Brasil e a Argentina foram acertados dentro de uma perspectiva de desenvolvimento econômico da região e não têm como meta servir de suporte ao País em possíveis casos de retaliação dos Estados Unidos devido à suspensão do pagamento dos juros da dívida externa. Mesmo porque, apesar da complementaridade das duas economias, isso não seria suficiente para evitar uma recessão mais profunda em caso de fechamento do comércio norte-americano ao Brasil.

As opiniões foram dadas a este jornal pelo secretário executivo da Comissão de Política Aduaneira (CPA), do Ministério da Fazenda, José Tavares de Araújo Júnior, que tem participado de todos os acordos de intercâmbio comercial do Brasil com países latino-americanos. O Brasil, segundo ele, não trabalha com a perspectiva de montagem de um "acordo de guerra", que envolveria esquemas comerciais muito complicados, sistemas especiais de preço e pagamento. "Estamos operando numa linha muito mais soft", comentou Tavares.

Para o titular da CPA, artigos que têm saído na imprensa internacional anunciando "climas de guerra" respondem muito mais a interesses de certos segmentos financeiros dos Estados Unidos que estão muito mais irritados com o fato de o Brasil não ter ido ao Fundo Monetário Internacional (FMI) do que com a própria moratória declarada. Não interessa ao País, conforme disse, caminhar para um tensionamento nas relações com os norte-americanos, princi-

palmente porque "ainda temos noventa dias para conversar, e a expectativa é de que as coisas melhorem", afirmou.

O Brasil tem espaços a recuperar no comércio com os países latino-americanos e Tavares cita, como exemplo, que as trocas em 1980/81 somavam US\$ 7,4 bilhões tendo caído para US\$ 3,8 bilhões em 1985. Além do desenvolvimento econômico, que pode ganhar maior incremento com a criação de uma moeda regional, há elementos conjunturais, como a atual crise cambial, que levam a determinadas alterações no fluxo do comércio trazendo para os países do continente certas aquisições e encomendas, como pode vir a ocorrer no setor de embalagens, de componentes mecânicos e de alguns insumos químicos, além de produtos primários.

Porém, não dá para pensar em usar este intercâmbio como substituição de um comércio mais amplo com os Estados Unidos. Em caso de retaliação, esta alternativa amenizaria uma recessão mais profunda mas não resolveria o problema. Além disso, na opinião de Tavares, é preciso distinguir entre o tom da retórica e a realidade, já que, a seu ver, qualquer solução radical entre Estados Unidos e Brasil não traria somente prejuízos à economia brasileira. Afinal, conforme afirmou, há um relacionamento comercial histórico entre os dois países e, no caso de um possível acirramento de ânimos no encaminhamento da solução do problema da dívida, não seriam poucos aqueles que tentariam "colocar panos quentes", já que uma solução radical, a seu ver, trará prejuízos a ambos.